

Hamlet:
Ser ou não ser?
Só Freud
explica

CPMTRATP M° 3956791
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IV Nº 35 / 38
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



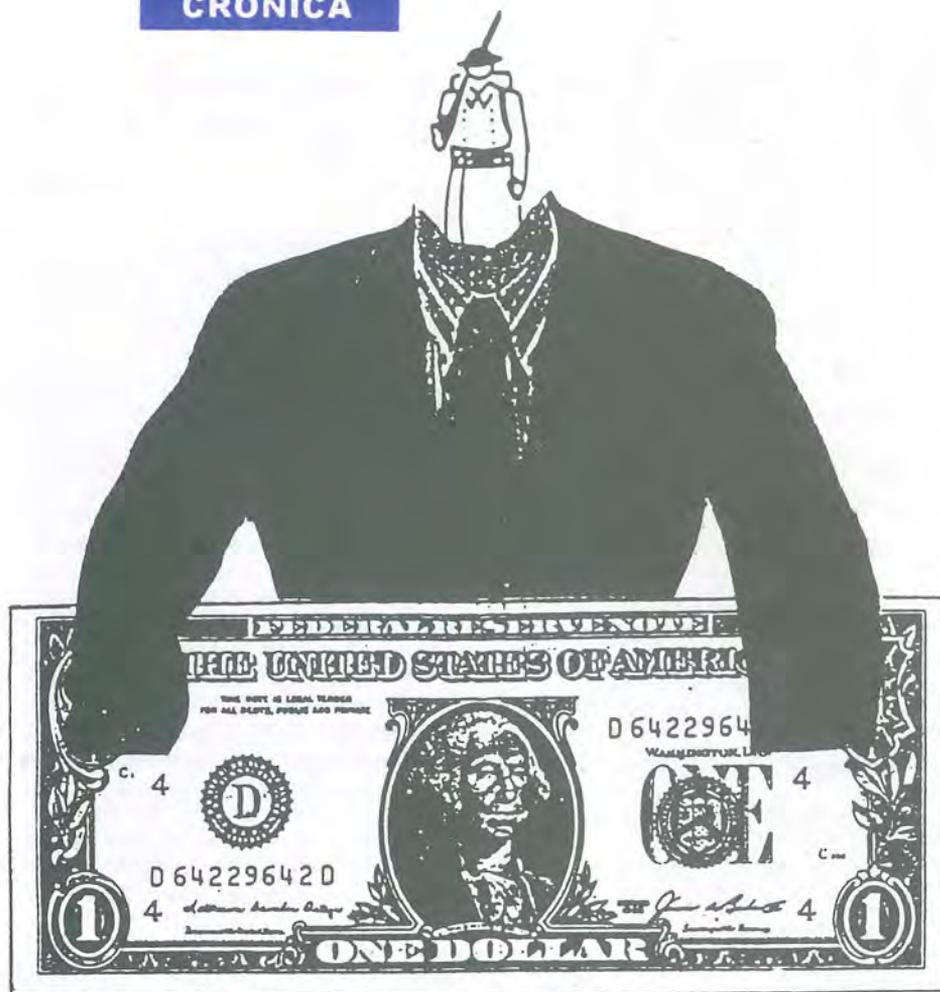
O Poeta da Vila

Sessenta anos
sem a poesia de Noel

Notícia Geral,
duzentos anos
de
história de
Goiás

Entrevista:
José Godoy
Garcia, 50 anos
de literatura

Neste momento, faço por ele (escritor Almeida Fischer) uma prece e enxugo os olhos. Meu neto Gabriel, que passa a tarde em casa, entra no escritório e adverte-me que os tenho muito vermelhos e recomenda-me que faça uso do colírio que está sobre a cômoda de meu quarto.



De Bancário a Professor

□ José Geraldo

Lembrança vai, lembrança vem, dou-me conta de que estou aposentado há vinte e um anos, e passo em revista as mudanças ocorridas em minha vida desde que encerrei minhas atividades de funcionário do Banco do Brasil. Não é simplesmente uma folha virada em minha trajetória, mesmo porque não tenho motivo para renegar meu querido patrão de trinta anos, logo eu, que desde cedo aprendi a amá-lo e respeitá-lo e dele recebi uma sólida formação profissional, em tempos em que lá se ingressava através de duras provas, sem que do candidato se exigisse qualquer documento além da carteira de identidade e do certificado de reservista. Era saber, passar e fazer carreira em circunstâncias em que a competência não era

aferida por diploma, sistema a que me habituei e cultivo até hoje, dando muito mais importância ao curso primário incompleto de Machado de Assis que aos montes de pergaminhos de que tanto se orgulham certos sabidos que topo em minhas andanças. O único ponto destoante naquela fase de minha vida - matéria de que tenho tratado em muitas conversas, mas de que nunca havia passado recibo, como faço agora - foi que, por absoluta falta de vocação, eu não cheguei a ser um burocrata de verdade. E foi assim que, com vinte e seis anos de serviço - eu, que era um bancário que fazia versos, sem manter qualquer contato com panelinhas ou grupos literários, eu, que jamais havia cogitado de fazer um curso superior e que estava afastado do

ensino havia mais de vinte anos - prestei vestibular para o CEUB, visando à obtenção de um diploma que me permitisse lecionar depois de cumprir meu tempo no Banco.

Graduei-me em Letras em julho de 1975, na última turma do currículo de oito semestres (que felizmente volta a ser adotado agora, na mesma Faculdade em que fiz o Curso de Letras e onde agora leciono), aposentei-me em setembro do mesmo ano e passei uns tempos revendo e emendando as centenas de poemas que havia escrito, quase todos em momentos roubados ao expediente. Trabalhar em casa foi uma experiência nova para mim, apoiada na Olivetti elétrica com que fui agraciado ao deixar o Banco, em razão de um petição constante de três sonetos dirigidos ao Dr. Roberto Oswald Colín, que então exercia a presidência, máquina que me prestou relevantes serviços e agora está inativa, substituída pelo computador há cerca de três anos, máquina que tem sua história e da qual não cogito de desfazer-me, porque é peça de museu.

Em fins do segundo semestre letivo de 1977, Almeida Fischer, que fora meu professor e continuava no CEUB lecionando Literatura Brasileira, dirigiu-se ao professor Máximo pouco cansado, etc., etc. O diretor abriu a gaveta para consultar os currículos de prováveis candidatos, tendo

seu gesto
sus-

tado por Fischer que, usando seu inquestionável prestígio como alavanca, permitiu-se passar-lhe um papel com meu nome. Queria uma pessoa para trabalhar diretamente com ele e gostaria que fosse alguém de sua confiança. Não me tinha dito nada e só depois da bem-sucedida entrevista recomendou-me que fosse à Diretoria, para tratar da contratação. Comecei a dar aulas em fevereiro de 1978 e durante vários anos tive a satisfação de servir sob as ordens do professor Villar, que hoje está aposentado e cuja amizade é para mim muito cara. Nesse tempo, Fischer já me havia levado para a Associação Nacional de Escritores, ambiente em que nossa convivência converte-se em amizade, que sustentou meu ingresso na Academia Brasileira de Letras; mais tarde idealizamos juntos as bases da Academia de Letras do Brasil, entidade de âmbito nacional a que Brasília, como Capital, faz jus, fundada em 1987. Neste momento, faço por ele uma prece e enxugo os olhos. Meu neto Gabriel, que passa a tarde em casa, entra no escritório e adverte-me que os tenho muito vermelhos e recomenda-me que faça uso do colírio

que há sobre a cômoda de meu quarto. Sacudo a cabeça, em sinal de aprovação.

Eis-me pensando como o homem muda! Escrevo estas últimas palavras e dou-me conta de que acabo de parafrasear Bentinho, quando, no

Dom Casmurro,

dá por escrito o que antes não contava a ninguém. Penso em fazer menção exata do episódio, mas não levo a idéia avante. Mas sinto como o homem muda. Entre 1947 e 1950, no curso bancário, em Niterói, eu dera aulas de Matemática e Contabilidade, disciplinas que hoje não me dizem nada, e essa era minha experiência no magistério, à qual posso acrescentar, talvez por aproximação, os encargos de conferencista e instrutor da Sociedade Brasileira de Eubiose, exercidos desde 1958. Vai daí que, quando comecei a lecionar Literatura no CEUB, eu não era exatamente um calouro na profissão, mas, com a nova investidura, consolidei a idéia de que no mister de dar aulas estava o ofício com o qual eu tinha a mais estreita afinidade, e foi então que eu pude sentir o que era recomençar a vida aos cinqüenta e quatro anos. E foi depois de desligado das atividades burocráticas que pude sentir, em nova fase, a sedução do magistério, agora renovada, para cujo exercício a verdadeira vocação parece um dom indispensável.

A precocidade é um dom que jamais se aproximou de mim. Comecei a fazer versos com vinte e oito anos, e preparo-me para encerrar uma crônica, gênero que cultivo acidentalmente, desde os trinta e cinco. Aos cinqüenta ingressei no território de ensaio, aos cinqüenta e seis escrevi o primeiro conto e tenho como certo que o único romance que engendrei jamais era para o papel. Minha ligação maior está com a poesia e não tenho em vista começar mais nada. Mas se aparecer...

